



PROJETO “BOA ESPERANÇA – COLONIZAÇÃO & EVOLUÇÃO”: PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE LOCAL NO PROCESSO DE MANUTENÇÃO DA LÍNGUA TALIAN

“BOA ESPERANÇA - COLONIZATION & EVOLUTION” PROJECT: PERCEPTIONS OF THE LOCAL COMMUNITY IN THE PROCESS OF MAINTAINING THE TALIAN LANGUAGE


Douglas Márcio Kaiser 1
Claudia Schemes 2
Sofia Schemes Prodanov 3
Lovani Volmer 4

Resumo: O Rio Grande do Sul é um estado brasileiro que teve grande influência, em sua formação cultural, da presença de imigrantes, como, por exemplo, os italianos. Na cidade de Rolante, especificamente na localidade de Boa Esperança, um grupo de moradores criou, voluntariamente, um projeto chamado Boa Esperança – Colonização & Evolução, que objetiva a reconstrução e manutenção da cultura italiana, e uma das iniciativas deste projeto compreende o resgate do uso da língua talian. Nesse contexto, o artigo busca analisar as percepções de alguns moradores a respeito do processo de manutenção dessa língua na localidade. A pesquisa é de caráter descritivo e histórico, com abordagem qualitativa e com uso de questionário. Dentre os resultados, percebemos que a preservação das tradições linguísticas dentre gerações representa um fator de integração na comunidade, servindo como uma característica de identificação cultural coletiva.

Palavras-chave: Colonização Italiana. Boa Esperança. Língua. Talian.

Abstract: Rio Grande do Sul is a Brazilian state that had a great influence, in its cultural formation, on the presence of immigrants, such as the Italians. In the city of Rolante, specifically in the town of Boa Esperança, a group of residents voluntarily created a project called Boa Esperança - Colonization & Evolution, which aims at the reconstruction and maintenance of Italian culture, and one of the initiatives of this project comprises the rescue of the use of the talian language. The article will address the maintenance of this language in the aforementioned location, analyzing the perceptions of some residents regarding this process. The research is descriptive and historical, with a qualitative approach and the use of questionnaire. Among the results, we realized that the preservation of linguistic traditions between generations represents a factor of integration in the community, serving as a characteristic of collective cultural identification.

Keywords: Italian Colonization. Boa Esperança. Language. Talian.

-
- 1 Mestre em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS/Brasil). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2746868527560723>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7025-6421>. E-mail: douglas.mkaiser@gmail.com
 - 2 Doutora em História (PUCRS, Porto Alegre/RS/Brasil). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2019632516405974>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8170-9684>. E-mail: claudias@feevale.br
 - 3 Graduada em Letras (Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS/Brasil). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3310253503645826>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2806-1441>. E-mail: sofiasp@feevale.br
 - 4 Doutora em Letras (Universidade de Caxias do Sul/Uniritter, Caxias do Sul/Canos/RS/Brasil). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3473440605906520>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3458-1005>. E-mail: lovaniv@feevale.br
- 

Introdução

No processo de ocupação do território do Rio Grande do Sul, muitas foram as etnias que contribuíram para a formação da identidade cultural do estado. Índios, negros, colonizadores europeus e muitos outros moldaram um estado multicultural, onde hábitos e culturas originais mesclaram-se a novos hábitos, novas crenças, seja por imposição, por necessidade ou por adaptabilidade.

No Vale do Paranhana, onde se localiza a cidade de Rolante, por volta de 1900, estabeleceram-se os primeiros imigrantes de origem italiana, especialmente na região de Boa Esperança, distante cerca de 18 km do centro da cidade. Nessa localidade, os imigrantes e seus descendentes mantiveram muitos hábitos e costumes de sua cultura, mesmo que tenham ocorrido adaptações com o decorrer do tempo, por conta da influência de diferentes fatores. Com o passar dos anos, processos migratórios fizeram com que a comunidade reduzisse de tamanho, assim como novas culturas e hábitos se entrecruzaram com a cultura predominante local e várias mudanças aconteceram.

Em função disso, em 2017, um grupo de moradores de Boa Esperança criou um projeto, o **Boa Esperança – Colonização & Evolução**, com o propósito principal de reconstruir e preservar a cultura italiana oriunda dos primeiros imigrantes que chegaram à comunidade. Organizado e realizado por voluntários, o projeto estrutura-se sobre três eixos principais: educação, cultura e turismo. A educação é trabalhada com a integração da Escola de Ensino Fundamental General Osório, existente na localidade. Do ponto de vista cultural, ocorrem várias iniciativas, valorizando os conhecimentos locais e promovendo a participação e a inclusão de moradores e visitantes nas vivências locais. O turismo, por sua vez, justifica-se porque a localidade integra um roteiro turístico chamado “Caminho das Pipas”, que consiste em um trajeto composto por cantinas de produção de vinho colonial produzido artesanalmente, preservando as tradições italianas.

Um dos destaques do **Projeto Boa Esperança - Colonização & Evolução** é o trabalho realizado no sentido de preservar a língua talian, uma variação da língua italiana, que surgiu por ocasião da chegada dos primeiros imigrantes ao Rio Grande do Sul. Não sendo uma exclusividade da localidade, o uso do talian no cotidiano é cada vez mais raro, uma vez que, por se tratar de língua mais presente na oralidade e, assim, depender de interações verbais para que se efetive, é, em geral, falada por descendentes que aprenderam de seus pais e ou familiares próximos.

Tendo em vista a importância dessa língua na história da comunidade da Boa Esperança e da imigração italiana¹ e levando em conta o trabalho integrado do **Projeto Boa Esperança Colonização & Evolução**, no presente artigo, buscamos compreender as percepções de moradores locais sobre o processo de manutenção da língua talian. Para tanto, apresentamos os fatos que levaram à criação do referido projeto, os seus objetivos, os resultados já alcançados e as relações dos levantamentos históricos e dos questionários com a teoria da comunicação e informação em processos culturais. Para atingirmos esses objetivos, realizamos uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo com moradores da localidade, que responderam a um questionário.

Metodologia

A linguagem é um dos principais instrumentos de mediação nos processos de apropriação da cultura e a palavra, polissêmica e dialógica, nas palavras de Bakhtin (1999), traz marcas socioculturais e históricas que se fazem presentes no desenvolvimento psíquico, motor e emocional dos sujeitos.

Nessa perspectiva, entre os meses de outubro e novembro de 2020, realizamos a aplicação de um questionário composto por nove (9) perguntas, com 12 sujeitos, selecionados a partir da indicação de duas lideranças do Projeto **Boa Esperança Colonização e Evolução**, que repassaram os contatos.

Os respondentes são pessoas residentes na localidade de Boa Esperança, com idades bem variadas: uma (1) pessoa está na faixa etária dos 21 aos 30 anos (8,34%); quatro (4) pessoas estão

¹ Em 2014, a língua talian foi incluída no Inventário Nacional de Diversidade Linguística, por parte do Ministério da Cultura (BRASIL, 2014a).

na faixa dos 31 aos 40 anos (33,33%); três (3) pessoas estão na faixa dos 41 aos 50 anos (25%); e quatro (4) pessoas estão na faixa dos 51 aos 60 anos (33,33%). Cabe considerar que, devido ao período de distanciamento social durante a pandemia da Covid-19, o meio de envio e retorno dos questionários foi o WhatsApp. Ao todo, foram enviados 18 questionários, mas retornaram apenas 12.

Identidade linguística e cultural

As identidades linguísticas e culturais são temáticas abordadas pelo linguista francês Patrick Charaudeau, teórico basilar para este artigo. Charaudeau (2015, p. 13) aborda a importância da linguagem, em todas as suas formas, afirmando que esta se encontra no centro da construção, seja individual ou coletiva, do sujeito. Essa construção acontece em três domínios da atividade humana: na socialização dos indivíduos, porque a linguagem promove a relação de si com o outro e cria o elo social; no pensamento, buscando no mundo a realidade empírica e fazendo-a significar; e nos valores.

O autor discute algumas ideias relacionadas à questão identitária e comenta sobre a dificuldade em responder, por exemplo, se a identidade é social ou coletiva, afirmando que “[...] todo indivíduo é um ser social pelo fato de viver em sociedade [...] não há ato que realizemos, nem pensamento que exprimamos que não contenha o traço de nosso pertencimento à coletividade” (CHARAUDEAU, 2015, p. 14, 15). Para que a sociedade mantenha alguma ordem, o linguista indica que todo ser individual se obriga a elaborar com outros membros do grupo normas de comportamento social e o respeito a essas normas.

Em relação à identidade cultural, o autor acredita que ela integre um processo de reencontro, de redescoberta, de reconquista relacionados às origens dos sujeitos. Charaudeau (2015) diz que, individualmente ou em grupo, há um direcionamento do indivíduo ou de grupos em direção a esse reencontro, em direção ao “paraíso perdido”. Indica uma busca por autenticidade, que pode estar relacionada ao território, à língua ou às relações étnicas.

Importante considerar, também, que, como defende Hall (2004), nossas identificações vão, ao longo da vida, se deslocando, conforme os contextos sociais em que estamos inseridos, de modo que não se pode pensar na identidade “como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2004, p. 38). Na perspectiva desse estudioso,

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2004, p. 12-13).

Nessa perspectiva, não existe como tomar consciência de si sem a percepção do outro, do diferente. Mas essa percepção da alteridade evoca também um tipo de sentimento de ameaça, pois o outro pode ser melhor ou superior, e justamente por isso a percepção da diferença normalmente vem acompanhada de um pensamento negativo:

Trata-se da sobrevivência do sujeito. É como se não fosse suportável aceitar que outros valores, outras normas, outros hábitos – senão os próprios – fossem melhores ou que simplesmente existissem. Quando esse julgamento se consolida e se generaliza, ele se torna o que chamamos tradicionalmente de estereótipo, clichê, preconceito (CHARAUDEAU, 2015, p. 19).

Os estereótipos, de acordo com Charaudeau (2015), funcionam como uma espécie de proteção (por conta da “ameaça” do outro pela sua diferença), mas também como um fenômeno de refração/reflexão, pois o julgamento feito em relação ao outro diz algo sobre este, deformando-o (refração) e, de forma recíproca, esse julgamento diz algo sobre o eu. Então, esse movimento de reconhecimento do eu e do outro impõe efeitos nas seguintes ordens, em se tratado da construção identitária de grupo: a) inclinação do grupo para si mesmo, a força local, explicando assim o fenômeno de constituição das línguas; b) abertura do grupo para outros, de modo que o grupo permite influências externas, caracterizando, assim, a contaminação de línguas, a força de intercuro; c) dominação de um grupo pelo outro; d) mescla do grupo, uma mistura.

De acordo Lippmann (2008), os estereótipos são avaliativos, criam expectativas e são um tipo de sistema mental, ou seja, “imagens em nossas mentes”. Assim, “o que cada homem faz está baseado não em conhecimento direto e determinado, mas em imagens feitas por ele mesmo ou transmitidas a ele” (LIPPMANN, 2008, p. 37).

Charaudeau (2015) menciona que há uma dualidade na construção identitária, na medida em que o indivíduo busca a sua singularidade ao mesmo tempo em que deseja pertencer ao coletivo. O encontro de si com o outro ocorre por meio de ações e de julgamentos sobre a legitimidade de tais ações, próprias ou de outros, ou seja, por meio de representações. Essas representações manifestam imaginários coletivos, que são muitos, mas dos quais Charaudeau apresenta três: imaginários antropológicos, imaginários de crença e imaginários socioinstitucionais.

Dentre os imaginários antropológicos, estão aqueles relacionados ao espaço (territorialidade, movimento, referenciais), ao tempo (relações entre passado, presente e futuro), ao corpo e aos rituais sociais. Ligados aos imaginários de crença, encontram-se aqueles conectados à história e à linhagem (valores, simbolismos, heranças históricas, sistemas de valores a transmitir) e às crenças religiosas. Por fim, o imaginário socioinstitucional está ligado à organização da vida em sociedade. Do entrecruzamento desses diferentes imaginários resulta a identidade coletiva e, de forma mais particular, as identidades nacionais, regionais, comunitárias ou supranacionais.

A abordagem dos imaginários descritos por Charaudeau inclui, também, estudos sobre a língua:

Existe uma representação unitária da língua, amplamente compartilhada em diferentes culturas, que afirma que os indivíduos se identificam com uma coletividade única, graças ao espelho de uma língua comum que cada um estenderia ao outro e na qual todos se reconheceriam (CHARAUDEAU, 2015, p. 25).

Assim sendo, “é evidente que a língua é necessária à construção de uma identidade coletiva, que ela garante a coesão social de uma comunidade e que constitui o ‘cimento’ dessa comunidade, quanto mais presente se faz” (CHARAUDEAU, 2015, p. 26). O linguista destaca, ainda, que

Não são tanto as palavras em sua morfologia nem as regras de sintaxe que são portadoras de cultura, mas, sim, as maneiras de falar de cada comunidade, as maneiras de empregar as palavras, os modos de raciocinar, de relatar, de argumentar para fazer rir, para explicar, para persuadir, para seduzir

(CHARAUDEAU, 2015, p. 27).

Nesse contexto, podemos considerar que as identidades adquirem sentido pela linguagem e pelos sistemas simbólicos por meio dos quais são representadas. A linguagem é, pois, um fenômeno heterogêneo e dinâmico, é a alteridade, de modo que, assim como não existe em nenhum aspecto da realidade humana, também na linguagem a homogeneidade não existe. Assim sendo, “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade” (WOODWARD, 2000, p. 18).

Charaudeau (2015) encerra o artigo “Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal” destacando que dos imaginários resultam diversos comunitarismos, representados por Estados-Nação, por territórios, etnias, doutrinas. O estudioso defende que uma sociedade é composta por múltiplas comunidades que se entrecruzam no mesmo território, não sendo prudente os extremismos (que classifica como “comunitarismo estreito” e “mundialismo do anonimato”). Nessa perspectiva, a história é feita de deslocamentos e de encontros de grupos, sendo que o resultado dessa construção pode ser a eliminação, integração, assimilação e entrecruzamento de etnias, de costumes, crenças, enfim, gerando uma mescla cultural.

Em relação à identidade social e discursiva como fundamento da competência comunicacional, o mesmo autor afirma:

[...] a consciência de si mesmo existe na proporção da consciência que se tem da existência do outro. Quanto mais forte é a consciência do outro, mais fortemente se constrói a sua própria consciência identitária. É o que se chama de princípio da alteridade (CHARAUDEAU, 2009, p. 1).

Continua o autor dizendo que, percebida a diferença, há um duplo processo no sujeito, de atração e de rejeição, em relação ao outro. No que tange à rejeição, surge o estereótipo, como uma função de proteção, uma defesa contra a “ameaça” que o outro representaria para o “eu”. Nessa esteira, considerando a língua como o estudo do discurso enquanto expressão linguística e social no ato da comunicação e, portanto, sem estigmas de “certo” e “errado”, cabe citarmos a importância dos estudos de Labov (2008) sobre variação linguística e suas contribuições no que se refere ao respeito às variações sociais, regionais e geográficas. Logo, ao estudarmos a língua como objeto de construção social, é imprescindível que consideremos a singularidade do ser humano. Ainda, na perspectiva de Labov (2008), aprendemos as variedades às quais somos expostos e não há nada de errado com elas.

A palavra, aliás, como defende Bakhtin (1997), é a mediadora de toda relação social. Conforme o autor,

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados (BAKHTIN, 1997, p. 41).

Isto posto, apresentamos, a seguir, a pesquisa realizada e as relações inferidas a partir do referencial teórico.

O projeto Boa Esperança - Colonização & Evolução e a língua talian

A localidade de Boa Esperança está situada a aproximadamente 18 km da sede do município de Rolante, tem cerca de 230 habitantes e 90% das famílias que habitam a localidade têm descendência italiana. A base econômica da localidade é a vitivinicultura, sendo que existe um roteiro turístico chamado “Caminho das Pipas”, composto por vinícolas e agroindústrias, grande parte delas com administração das famílias locais. Boa Esperança ainda integra o Roteiro de Cicloturismo, conhecido como “Circuito das Cascatas e Montanhas”.

Por sua vez, o projeto Boa Esperança Colonização & Evolução é uma iniciativa de moradores da localidade, que atuam de forma voluntária. Conforme documentos, como descrito em atas de reuniões, tem o objetivo de, por meio de pesquisas em acervos fotográficos, bibliográficos e entrevistas escritas e orais com descendentes dos colonizadores italianos da comunidade, transmitir aos alunos, visitantes e turistas a cultura, os costumes e as tradições locais. Pretende-se, nesse viés, valorizar a cultura italiana, a hospitalidade, o sentimento de pertencimento e o incentivo para a permanência ou retorno de moradores à localidade.

Figura 1. Logo do Projeto Boa Esperança – Colonização & Evolução.



Fonte: Documentos do Projeto, fornecidos pelo grupo de voluntários (2018).

O projeto gira em torno de três eixos principais, quais sejam: a escola, a cultura e o turismo. Salienta-se o envolvimento direto da Escola Municipal de Ensino Fundamental General Osório, única da localidade, e das vinícolas e agroindústrias integrantes do roteiro turístico **Caminho das Pipas**. Dentre seus objetivos específicos estão: manter os três pilares fundamentais que sustentam a comunidade ativa (escola, igreja e salão); resgatar a história italiana da comunidade através de entrevistas e pesquisas; promover o resgate da cultura italiana através do ensino da língua, do teatro, da dança e do canto; reconhecer a escola como um local informativo e o seu papel no processo de aprendizagem e disseminação da cultura local; criar um sistema de união e voluntariado na comunidade; divulgar o roteiro turístico do **Caminho das Pipas**; preservar o dialeto local, o talian, por meio de aulas para alunos da escola local.

Desde a sua criação, em 2017, o projeto já fez várias entregas, com resultados bem expressivos, dentre os quais se destacam: a realização de ações de cunho solidário, enfatizando o espírito de voluntariado; projeto pedagógico (2018), que atendeu a mais de 350 crianças do 4º ano das escolas do município de Rolante, tendo envolvimento de mais de 30 voluntários da comunidade, apoiadores que auxiliaram na execução das oficinas com as crianças, com atividades, como confecção de *agnoline* e *grostoli* (pratos típicos da cultura italiana), visitas aos parreirais, noções sobre cultura italiana, dentre outros; elaboração e entrega de filme (documentário), em 2018, com o nome de “Cultura atravessando Gerações”, com ênfase no repasse cultural e no convívio entre gerações; elaboração e entrega de filme (documentário), em 2019, com o nome de “Boa Esperança Retratos da Colonização”, com ênfase na cultura e descendência italiana; ensino de língua talian (2018-2019) aos alunos da localidade, com professoras voluntárias; realização de

missa em língua talian; lançamento do livro de receitas (2020), com o título “Libro de Rissete dela Colônia Boa Speransa”, em idioma português e talian, descrevendo receitas baseadas em memórias afetivas e gastronômicas, oriundas dos primeiros imigrantes e seus descendentes; lançamento de livro de orações (2020), com o título *Libro de Preghiere in Talian*, escrito em idiomas português e talian.

Figura 2. Primeira aula de talian para alunos da escola local.



Fonte: Imagem cedida pelos voluntários do projeto (2018).

A língua talian, segundo o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (BRASIL, 2014b),

[...] é uma das autodenominações para a língua de imigração falada no Brasil na região de ocupação italiana direta e seus desdobramentos desde 1875, em especial no nordeste do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e Espírito Santo. Sua origem linguística é o italiano e os dialetos falados, principalmente, nas regiões do Vêneto, Trentino-Alto e Friuli-Venezia Giulia e Piemonte, Emilia-Romagna e Ligúria (BRASIL, 2014b).

Essa certidão foi emitida em 10 de novembro de/2014 pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e está baseada em ata da reunião da Comissão Técnica do Inventário Nacional da Diversidade Linguística, a qual menciona que

Foi deliberada a inclusão da língua Talian no Inventário Nacional da Diversidade Linguística, uma vez que todos os requisitos foram atendidos, como atesta o processo de nº 01450.010077/2014-66 e dossiê correspondente, fazendo jus ao título de Referência Cultural Brasileira, conforme o Decreto 7.387, de 09 de dezembro de 2010

[...]

É uma ‘variedade suprarregional intracomunitária e intercomunidades (coiné) do italiano como língua alóctone em contato com outras variedades do italiano com o português do Brasil, vinculada historicamente aos dialetos provenientes do norte da Itália, mas com características próprias, derivadas do contexto brasileiro que a diferem da matriz original e também de outras regiões brasileiras’ (BRASIL, 2014b).

O Decreto nº 7.387, de 09 de dezembro de 2010, emitido pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, institui o Inventário nacional da Diversidade Linguística, com gestão do Ministério da Cultura, sendo esse inventário “[...] instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Além da língua talian, há outros dialetos oriundos de diversas línguas, hoje utilizados em regiões do estado do Rio Grande do Sul. A cidade de Picada Café, região serrana do estado, por exemplo, faz o uso do dialeto Hunsrückisch,

[...] que resultou de uma adaptação linguística dos imigrantes alemães em suas comunidades no Sul do Brasil. O dialeto alemão conhecido como Hunsrückisch falado no município é decorrente da colonização, já que os descendentes dos colonizadores buscam não apenas preservar o patrimônio material da cidade, mas também as tradições e a língua, como um elemento identitário utilizado para a preservação da história (PRODANOV, 2021, p. 17).

O Hunsrückisch, da mesma forma que o talian, “é uma das línguas brasileiras, sendo considerada, junto de outras línguas de imigração e indígenas, patrimônio cultural imaterial do país” (SPINASSÉ, 2008, p. 122). No caso do talian, trata-se de uma língua de base vêneta, surgida a partir do contato linguístico da língua dos imigrantes italianos, que, em sua maioria, vieram da região do Vêneto, com o português brasileiro e com outras línguas aqui faladas e da necessidade de comunicação entre os imigrantes italianos que aqui chegaram falando as mais diversas línguas:

Dos imigrantes italianos que colonizaram o Sul do Brasil, aproximadamente 95% eram provenientes do Vêneto, do Trentino-Alto Ágide, do Friuli-Veneza Giulia, isto é, do Tri-Vêneto, e da Lombardia. Desses imigrantes, 60% possuíam a língua e cultura vênetas. Tinham falares diferentes, sotaques distintos, mas a língua-mãe era a mesma: o vêneto. Quando aqui chegaram foram instalados em colônias, sem respeitar a origem de cada família. Assim, uma família trentina da Valsugana, por exemplo, passava a ser vizinha de uma friulana, de Pordenome, de um lado, e de outra lombarda, de Bérgamo, com várias famílias vênetas ao seu redor. Evidentemente, era preciso entender-se. Daí resultou uma língua de comunicação, uma coiné, muito mais veneta que lombarda, ou friulana, ou trentina, pois veneta era a maioria (LUZZATO, 1994, p. 21-23).

Assim sendo, é uma língua predominantemente oral e falada, sobretudo, em regiões com presença de descendentes de italianos.

Uma vez apresentados os dados relativos à comunidade de Boa Esperança, bem como do projeto Boa Esperança – Colonização & Evolução, no intuito de identificar as percepções de moradores sobre o processo de manutenção da língua talian, apresentam-se, na seção que segue, os resultados obtidos com a aplicação de um questionário, bem como o alinhamento das respostas obtidas com o referencial teórico.

A manutenção da língua talian: pesquisa de campo

Evidenciam-se, a seguir, os resultados da pesquisa de campo. No que se refere ao núcleo familiar - “Quantas pessoas integram seu núcleo familiar? (considere as pessoas que vivem na mesma propriedade)”, a soma total de pessoas equivale a 42 indivíduos, sendo que em cinco

propriedades a média de moradores é de 3 pessoas. Destaca-se, nesse sentido, que, embora sejam 12 sujeitos respondentes, consideramos que, provavelmente, eles dão voz a 42 sujeitos, uma vez que as questões estavam relacionadas ao núcleo familiar e ao seu conhecimento acerca do talian.

Quando questionados acerca do conhecimento da língua - “Seu núcleo familiar tem conhecimento da língua talian?” -, as respostas foram unânimes: 100% dos entrevistados responderam que o núcleo familiar tem conhecimento da língua talian, de alguma forma. Esse conhecimento, como demonstra a resposta à pergunta nº 4 - “Caso a resposta para a pergunta anterior tenha sido sim, quantas gerações tiveram ou têm conhecimento da língua, incluindo a sua?” -, duas (2) pessoas responderam que são três (3) gerações (16,67%); oito (8) pessoas responderam que são quatro (4) gerações (66,66%) e duas (2) pessoas responderam que são cinco (5) gerações (16,67%).

Para entender como se deu a aquisição da língua, na pergunta de nº 5, questionou-se: “Como ocorreu esse processo de conhecimento da língua talian? Como o uso da língua foi sendo praticado com o passar das gerações?”. A maioria, 75%, respondeu que ocorreu de forma espontânea, especialmente entre familiares, passando de geração para geração. Entretanto, registra-se a observância de que entre gerações sempre há uma perda de parte do uso, uma vez que se trata de uma língua, em geral, oral. Para Charaudeau (2015), essa questão está ligada à ideia da aculturação, quando grupos ou pessoas buscam um retorno às suas origens. No caso da Boa Esperança, opera-se um processo em prol da manutenção da língua talian, além de outros elementos ligados à cultura italiana, base da formação cultural local.

Partindo à pergunta nº 6, pediu-se: “O que você considera ter sido um facilitador (o que ajudou/colaborou) para a manutenção da língua?”. Dentre os entrevistados, 10 dos 12 respondentes indicaram que foi a convivência e o uso da língua entre familiares. Também foi mencionado o uso na comunidade e o fato de muitos moradores terem permanecido na colônia. Um dos respondentes comentou que a fala e o convívio familiar facilitam a absorção da língua.

A respeito da construção de identidade linguística e cultural, Charaudeau (2015) considera que a socialização dos indivíduos ocorre por meio da linguagem, instaurando a relação de si com o outro e, assim, criando um elo social. Pelos relatos dos entrevistados, bem como pela análise observacional e documental, o uso da língua talian na Boa Esperança é um fator de identificação social, criando elos entre as pessoas que fazem uso da referida língua. Nesse sentido, podemos considerá-la língua de herança, isto é, uma língua “com a qual uma pessoa possui identificação cultural e sentimento de pertencimento a determinada comunidade que a usa, seja por laços ancestrais, seja por convivência no mesmo ambiente sociocultural com falantes dessa língua.” (ORTALE, 2016, p. 27).

Contrapondo a pergunta anterior, como 7ª pergunta, apresentou-se: “Que tipos de dificuldades você identifica para a manutenção da língua talian?”. Houve uma variedade de respostas, algumas indicando que as dificuldades surgiram quando as crianças começaram a frequentar a escola regular, onde a língua ensinada (oficial) é o português. Também a mudança das pessoas mais jovens para a região mais próxima do centro da cidade para estudar e trabalhar afastou-as do convívio familiar e, conseqüentemente, do uso da língua. A mistura com outras etnias também foi citada. Dois entrevistados disseram que muitos deixam de usar a língua talian por vergonha, porque acham que falam errado, especialmente por causa do sotaque.

Quadro 1. O quadro a seguir sintetiza as dificuldades referidas pelos entrevistados:

Quando as crianças iniciaram na escola e a língua oficial era o português.
Mudança dos jovens para o centro da cidade que resultou no afastamento familiar e no uso da língua talian.
Hibridismo cultural com outras etnias.
Vergonha de usar a língua talian, pois falam errado e com sotaque.

Fonte: Dos autores.

Para Spinassé (2008, p. 118),

Esse processo de adaptação linguística de imigrantes muitas vezes deixa rastros perceptíveis na língua falada, principalmente quando se trata de um grupo inteiro de língua minoritária dentro de uma comunidade de fala com outra língua como dominante. Esse contato linguístico entre língua majoritária oficial e língua minoritária familiar/comunitária pode desenvolver fenômenos muito especiais e peculiares do ponto de vista linguístico.

Em determinadas respostas, percebe-se que existem estereótipos que classificam línguas diferentes da língua oficial no Brasil, no caso o português, como línguas de “colonos”, de pessoas “do interior”, de pessoas “da roça”, fazendo com que os indivíduos, especialmente os mais jovens, sintam vergonha ou deixem de usar a língua, no caso o talian. Charaudeau (2015) aborda a questão dos estereótipos quando comenta que, muitas vezes, o pensamento sobre o “outro”, o “diferente”, vem acompanhado de pensamentos negativos.

A pergunta nº 8 - “Como as pessoas de seu núcleo familiar usam – fala, escrita, entendimento – a língua talian?” - buscava entender como, de fato, a língua é utilizada no cotidiano. Há quase um consenso de que a fala é mais fácil, pois a escrita fica prejudicada para a maioria dos entrevistados, uma vez que não é ensinada no ensino regular e muito pouco no meio do núcleo familiar. Há exceções, porque alguns membros da comunidade, especialmente aqueles ligados mais diretamente ao projeto Boa Esperança – Colonização & Evolução e Associação Brasileira dos Difusores de Talian (ASSODITA), dedicam-se a cultivar o dialeto e a aprender a escrita.

A última pergunta (nº 9) foi: “Como as pessoas do núcleo familiar continuam a incentivar outros integrantes da família a utilizarem/praticarem a língua talian?”. Como respostas, foi mencionado o uso da língua nas conversas entre familiares e comunidade; realização de eventos na comunidade utilizando a língua; a audição de cantos; *lives* nas redes sociais que tratam da língua; ensino na escola local, para os alunos; participação em grupos e entidades que preservem o uso da língua; incentivo, com uso de palavras em talian, para descrever situações do dia a dia, especialmente com as crianças; dentre outros. Interessante a colocação de uma participante que respondeu que pessoas de mais idade não têm, muitas vezes, noção da importância do legado relacionado à transmissão da língua talian aos seus descendentes.

Percebemos, no caso específico da Boa Esperança, que a língua é um fator de agregação e de identificação entre os moradores locais, ou seja, como defende Bakhtin (1997), a mediadora de toda relação social. Charaudeau (2015) comenta, em um de seus estudos, que uma língua comum é muitas vezes fator de criação de um sentimento de coletividade único. Não apenas no caso da Boa Esperança, mas em outras regiões brasileiras onde a língua talian foi implementada, ocorreu o que Charaudeau chamou de “força de intercurso”, na qual uma língua ou aspecto original foi se modificando por força de assimilação ou pressão (no caso a língua italiana, originária dos primeiros imigrantes, modificou-se e gerou a língua talian, em terras brasileiras). Segundo Prodanov (2021, p. 18),

A preservação e a continuidade da utilização do dialeto nas colônias do Rio Grande do Sul tiveram como um dos principais fatores o relativo isolamento dos colonos que se estabeleceram nessa região, pois eles foram obrigados a se organizar em comunidades para conseguir sobreviver.

De uma forma geral, identifica-se coesão no grupo de moradores quanto à manutenção da língua talian, assim como se evidencia que a língua, em sua versão falada, é bem mais utilizada que a escrita. Na comunidade de Boa Esperança, pelos levantamentos realizados, fica claro que a língua talian é um fator de união e de identificação comunitária, criando elos entre os moradores e, conseqüentemente, uma identidade coletiva, facilmente percebida.

Considerações Finais

Dentre os principais resultados desta pesquisa, destaca-se um grande sentimento de organização e voluntariado na comunidade de Boa Esperança, considerando-se que, desde a criação do projeto Boa Esperança – Colonização & Evolução, os voluntários realizaram diferentes eventos e atividades, como dois documentários, o ensino da língua talian para alunos da escola local, a entrega de dois livros em idiomas português-talian, atividades de integração com escolas da rede municipal de ensino, dentre outros.

Percebe-se, ainda, que a língua representa um fator de integração na comunidade, servindo como uma característica de identificação cultural coletiva, pois, com exceção dos moradores que deixaram a localidade, a língua talian permaneceu em uso, especialmente na fala. Em se tratando de conhecimento da escrita da língua talian, percebe-se que há dificuldades latentes apresentadas por muitos dos respondentes da pesquisa, entretanto há também muitos moradores que se integraram a entidades que promovem a manutenção da língua talian.

Através desta pesquisa, observamos que os hábitos culturais das pequenas comunidades estão sendo valorizados e seus moradores não se submetem a uma cultura considerada hegemônica. Percebemos que os valores e conhecimentos iniciam na vida comunitária e que este é um processo contínuo, complexo e relacionado a diversas variáveis, entretanto é preciso estimular o conhecimento, seja de novas culturas, de novas línguas, ou de nossa história.

Finalizamos com uma frase em talian, que diz: *“Nissun l’è tanto grande che nol possa imparar; nissun l’è tanto piccolo che nol”*, ou seja, “Ninguém é tão grande que não possa aprender; ninguém é tão pequeno que não possa ensinar”. Talvez seja esse o maior legado do Projeto Boa Esperança Colonização & Evolução: a possibilidade de compartilhar, pela língua, conhecimentos e história.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Inclusão no Inventário Nacional da Diversidade Linguística**, em 09 de setembro de 2014. Confere o título de Referência Cultural Brasileira à língua denominada Talian. Brasília, 10 nov. 2014a.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Certidão. Brasília (DF), 10 nov. 2014b.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Decreto nº 7.387**, de 9 de dezembro de 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7387.htm. Acesso em: 24 nov. 2020.

BOA ESPERANÇA, colonização e evolução. Rolante/RS: [s. n], 2018. **(Informativo)**.

BOA ESPERANÇA: Colonização & Evolução. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/boaesperancacolonicacaoevolucão>. Acesso em: 24 nov. 2020.

CAMINHO DAS PIPAS. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/caminhodaspipas>. Acesso em: 24 nov. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. Informar sobre o quê? O acontecimento como visão social do mundo. *In*: CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 94-125.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. *In*: BARROS, Diana Pessoa; LARA, Gláucia Proença; LIMBERT, Rita Pacheco (org.). **Discurso e (dês)**

igualdade social. São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-31.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. 2009. *In*: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução.** Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 309-326, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública.** Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LUZZATTO, Darcy L. **Talian (vêneto brasileiro):** noções de gramática, história, cultura. Porto Alegre: Sagra, 1994.

ORTALE, F. L. **A formação de uma professora de italiano como língua de herança:** o Pós-Método como caminho para uma prática docente de autoria. 2016. 162 f. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PRODANOV, Sofia Schemes. **Contrastes Fonético-fonológicos na fala de moradores de Picada Café/RS.** Novo Hamburgo: 2021. 47 p. Monografia (Letras Português/Inglês), Universidade Feevale, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.feevale.br/Vinculo2/00002b/00002ba4.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

PRODANOV, Sofia Schemes; MARTINS, Rosemari Lorenz. **A colonização alemã e o dialeto Hunsrückisch:** análise sociolinguística da fala de moradoras de Picada Café/RS. *Estudios Históricas.* Uruguai, ano 13, n. 26, p. 1-23, dez.2021. Disponível em: <https://estudioshistoricos.org/26/eh2608.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2022.

SPINASSÉ, Karen Pupp. O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. **Espaço Plural.** Cândido Rondon, ano IX, n.19, p.117-126, 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/187500/000687867.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 fev. 2022.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e cultural. *In* Silva (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

Recebido em 30 de agosto de 2022.

Aceito em 11 de outubro de 2022.